

# AFROS & AMAZÔNICOS



## CHEIKH ANTA DIOPE E A HIPÓTESE DA DIFERENCIAÇÃO RACIAL: O QUE AS PESQUISAS GENÉTICAS DIZEM?

*Cheikh Anta Diop and the Racial Differentiation Hypothesis: What Does Genetic Research Say?*

Márcio Paim\*

**Resumo:** Este artigo tem o objetivo de apresentar a hipótese elaborada por Cheikh Anta Diop sobre a diferenciação racial na Europa e verificar o que dizem os dados recentes da pesquisa genética sobre essa prerrogativa.

**Palavras-chave:** Cheikh Anta Diop; África; Genética; História da África; Biologia molecular.

### A hipótese da diferenciação racial elaborada por Cheikh Anta Diop

Para se compreender a hipótese da diferenciação racial elaborada por Cheikh Anta Diop<sup>1</sup>, é necessário partir da África como lugar de origem da espécie humana. As pesquisas orientadas pelo emérito professor Louis Leakey (SFORZA, 2002, p. 60) forneceram indescritível contribuição para situar o local do nascimento da humanidade e o porquê de a mesma, ser provida de altas taxas de melanina. Sobre essa contribuição, Diop (1991) nos informa que:

A pesquisa conduzida na paleontologia humanística, particularmente pelo Dr.

\* Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade do Sudoeste do Estado da Bahia – PPEGED\UESB. Mestre pelo Programa Multidisciplinar em Estudos Étnicos e Africanos do Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade Federal da Bahia – CEAO\UFBA. Graduado em História pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL.

1. Cheikh Anta Diop possuía formação ampla. Era químico, físico, matemático, historiador, antropólogo, arqueólogo, paleontólogo, egiptólogo, sociólogo e linguista. Ele é considerado a personalidade africana de maior destaque no século XX. No auge do debate racial que prevalecia na Europa dos anos 1950, elaborou uma tese de doutorado que foi recusada por uma banca de eminentes egiptólogos franceses. Essa tese deu origem a “Nações negras e cultura”, obra seminal que reelaborou a narrativa sobre a origem da espécie humana na África e da civilização egípcia. A obra do humanista africano confrontou o anti-cientificismo das abordagens do “africanismo eurocêntrico” (DIOP, 2003).

Louis Leakey, tem ajudado a situar o local de nascimento da humanidade no leste da África, na região dos Grandes Lagos, em volta do vale do Omo. Duas ramificações que não tem sido suficientemente enfatizada até agora, vieram à luz como um resultado dessas pesquisas. O tipo humano nasceu em volta da região dos Grandes Lagos, quase no Equador, é necessariamente pigmentada e negra; a lei de Gloger coloca que em climas quentes e úmidos os animais de sangue quente tendem a ser pigmentados. Todas as outras raças derivam da raça negra por uma filiação mais ou menos direta, e os outros continentes foram ocupados a partir da África pelo homo *erectus* e pelo homo *sapiens*, há 150.000 mil anos atrás. As velhas teorias que afirmavam que os negros vinham de outro lugar tornaram-se inválidas. (DIOP, 1981, p. 27)

Esse entendimento é requisito para compreender onde foi elaborado o pressuposto de que: “*Todas as outras “raças” de-*

2. “Raça” aqui é entendida como conceito sócio-político, e não biológico, pois, partimos do pressuposto – amparado em dados científicos – que o conceito “raça”, biologicamente, não se sustenta. Sobre a invalidação biológica do conceito “raça”, ver Bamshad e Olson (2002, p. 68-75). Além disso, há uma crítica que acusa Cheikh Anta Diop de se apropriar do termo “raça” usando-o da mesma forma e com a “mesma concepção” que os teóricos racistas do século XIX, ou seja, praticando o “racismo reverso”! Há várias evidências, entre livros, artigos, entrevistas, palestras e conferências, que o combate à hierarquização racial foi um dos elementos norteadores da obra de Cheikh Anta Diop. Sua oposição ao lugar de-



rivam da “raça” negra por uma filiação mais ou menos direta” (DIOP, 1991, p. 27) e a possibilidade de pensar a diferenciação racial como processo de adaptação que os humanos modernos experimentaram ao sair da África em direção a regiões frias, ou seja, a partir da: “[...] diferenciação de um substrato negro primitivo” (DIOP, 1974, p. 262)<sup>3</sup>. A compreensão do papel da natureza na geração das condições geoecológicas propicia ao aparecimento: “de um substrato negro primitivo” (DIOP, 1974, p. 262), que, segundo o autor, é de onde: “Todas as outras raças derivam” (DIOP, 1981, p. 27), apresenta-se como o fundamento da compreensão da diferenciação racial. Sobre essa questão Diop explica

[...] que qualquer ser da espécie humana que nasceu nessa região, não seria capaz de sobreviver numa região equatorial sem pigmentação. A natureza não faz nada por acaso, e por esse motivo, a espécie humana que nasceu na região subequatorial tinha melanina para proteger sua pele e é por isso, é claro, que os primeiros humanos tinham que ser negros. E apenas quando essas pessoas deixaram a África para povoar outros lugares do mundo que tinham um clima diferente, esses homens mudaram e tomaram aspectos e aparências diferentes. (DIOP, 1985)

A particularidade da posição geográfica do continente africano em relação à linha do Equador possui estreita relação na definição do fenótipo melanodérmico<sup>4</sup>.

---

signado à África nessa construção exigiu uma estratégia que, sem dúvida, passava por repudiar qualquer tipo de hierarquização que o conceito “raça” pudesse conter. Logo, a ideia de que Diop se apropriou dos meios científicos disponíveis para “hierarquizar”, não se sustenta! O posicionamento de Cheikh Anta Diop acerca do termo “raça” pode ser consultado em: (DIOP, 1991, p. 16-17) e Diop apud Moore (2012, p. 250-253). Acerca da crítica que acusa Cheikh Anta Diop de praticar “racismo reverso”, ver: M'bokolo (2009, p. 63, Tomo I). Sobre a crítica e os críticos da obra de Cheikh Anta Diop, ver: Obenga (2013) e Diop (2003).

3. “Primitivo”, entendido como “primeiro”, mais antigo.

4. Termo científico, usado para designar indivíduos dotados de altas taxas de melanina, ou seja, para designar o que conhecemos hoje como categoria social e política “negro”. Sobre essa terminologia, consultar o capítulo XIII “*Early History of humanity: evolution of the black world*”, da obra de Diop (1974, p. 260-275) e de Moore (2012, p. 29-43).

Para Diop (1976) a “primeira “raça” humana era de pele negra” (DIOP, 1976 apud MOORE, 2012, p. 250), ou seja, a humanidade que surgiu na África tinha a pele escura e “estendeu-se pelo globo inteiro” (DIOP, 1976 apud MOORE, 2012, p. 250). Cabe destacar que, de acordo com a hipótese elaborada pelo cientista senegalês, à medida que essa humanidade expandiu-se para outros continentes, o fenótipo melanodérmico manteve-se como um marcador universal da humanidade, até um período recente. Logo, é sobre a humanidade universalmente melanodérmica, “a primeira “raça” de pele [...] negra” (DIOP, 1976 apud MOORE, 2012, p. 250) que vai se dar o processo de diferenciação racial.

A relação entre o clima e a definição dos traços fenotípicos é uma peça importante para entender a “engrenagem” da diferenciação racial elaborada por Diop. Para o humanista senegalês, a diferenciação racial, ou seja, a variação do fenótipo da humanidade era produto da adaptação climática operada pela seleção natural no homem moderno, à medida que ele dirigia-se aos ambientes mais frios. É nesse contexto que Diop (1976) compreende o aparecimento da “raça” branca e da “raça” amarela, respectivamente, das populações europeias e asiáticas. De acordo com o autor:

Parece que, entre aquelas populações negras do paleolítico superior que se aventuraram ao norte em direção ao mar Báltico durante o período do calor, ocorreram mudanças biológicas definitivas, levando ao aparecimento dos tipos brancos alpinos e nórdicos. Em todo caso, tanto quanto a ciência sabe hoje, antes de 20 mil anos a.C., não havia qualquer branco. Os amarelos apareceram ainda mais tarde, por volta de 10-15 mil anos a.C. [...]. (DIOP, 1976, apud MOORE, 2012, p. 250)

Nota-se a relação entre o clima e os traços fenotípicos, porém, a data e o local onde a diferenciação dos fenótipos “branco” e “amarelo” teria ocorrido, Diop (1976) sugere 20.000 a.C, assim:

Não há dúvida alguma de que a “raça” branca que apareceu pela primeira vez



durante o paleolítico superior – por volta de 20.000 a.C –, foi produto de um processo de despigmentação. [...] seria difícil, se não impossível, determinar a data exata ou a proporção numérica destes proto-brancos em relação a seus antecessores negros naquele período na Europa. (DIOP, 1976 *apud* MOORE, 2012, p. 252)

Mesmo sem mencionar uma data exata para a diferenciação, Diop (1976), sugere 20.000 a.C como uma referência para pensar-se, cronologicamente, o processo de adaptação climática experimentado por populações africanas, melano-dérmicas, aos ambientes mais frios. Cabe notar que, ao referir-se acerca da data da diferenciação fenotípica, o pensador africano não restringe o aparecimento do fenótipo a “exatidão” cronológica, mas abre a possibilidade de refletir esse acontecimento sob diversas perspectivas cronológicas. Essa observação deve ser mencionada para “rebater” a crítica, feita pelos detratores, sobre a “certeza” do cientista africano sobre subjetividades e fatos históricos que ocorreram em um período de longa duração (OBENGA, 2013). Logo, é importante guardar o pressuposto de que Anta Diop não emite qualquer certeza sobre a data exata da diferenciação racial.

Embora a cronologia da diferenciação tenha sido uma incógnita em função da limitação dos meios científicos disponíveis no contexto em que a obra foi produzida geograficamente, Diop (1991) situou o continente europeu como local provável onde a despigmentação ocorreu. Outra peça fundamental para entender o sentido atribuído à hipótese da diferenciação racial é o pressuposto de que, segundo o autor: *“A diferenciação racial aconteceu na Europa, provavelmente no sul da França e Espanha, no fim da glaciação Wurn, entre 40.000 e 20.000 mil anos atrás”* (DIOP, 1991, p. 13). Fundamentando o processo de despigmentação em torno dos 20.000 a.C, Diop (1985) descreve a influência do clima na variação fenotípica e o surgimento do homem branco, assim:

Quarenta mil anos o homem deixou a África e povou a Europa. [...] o homem de cro-magnon<sup>5</sup>, que entre 40 e 20 mil anos [...] partiu para Europa durante a época conhecida como última glaciação. O clima na Europa era extremamente frio, mais frio do que é hoje. Durante esse período de 20 mil anos ele foi submetido a adaptação e se tornou o que conhecemos hoje como homem branco. É muito claro para todos os cientistas do campo, mesmo que eles só sejam capazes de dizer para si mesmo e incapazes de dizer publicamente, que o homem que conhecemos convencionalmente como branco, evoluiu do homem negro durante o período de adaptação a um clima diferente e que estamos a dizer com seriedade, baseados em dados totalmente científicos que essa é a conclusão a qual devemos chegar. Se o homem não tivesse deixado a África para povoar outros lugares no mundo, e se essas pessoas em outros lugares do mundo em outros climas nunca tivessem passado pelo processo de adaptação e se tornado o que são nas diversas regiões do mundo, todos os homens seriam homogêneos e todos os homens seriam negros. (DIOP, 1985)

Diop (1985) estabelece a “margem” dos 20.000 a.C como ponto de partida para pensar-se o processo o qual resultou a diversificação fenotípica. Ao usar a preposição “entre” para referir-se as supostas datas das adaptações fenotípicas, Diop (1985), além de sugerir a data de 20.000 a.C para a colonização da Europa pelo homo sapiens moderno – e não assegurar a sua “exatidão” –, restringiu-a ao campo das hipóteses. É importante pontuar a questão da data sugerida pelo pensador africano para a despigmentação – aproximadamente 20.000 a.C – pela confluência com as datas insinuadas pelos resultados revelados pela pesquisa recente. Dessa maneira, as pesquisas mais recentes têm

---

5. Fóssil descoberto em 1868 durante as escavações para a construção de uma ferrovia no vale do rio Vézère, região de Perigord no sudoeste da França. Recebeu esse nome em função da localidade que foram encontrados – *Cro-Magnon*. Sabe-se hoje que, o Cro-Magnon ao contrário do que se imaginava, não é uma espécie isolada, mas sim, uma variação local do homo sapiens moderno – bem parecido com as pessoas atuais – ou seja, o que chamamos de homem moderno: Consultar Sforza e Forza (2002, p. 58).





servido para validar os pressupostos da diferenciação racial elaborada por Cheikh Anta Diop.

Diop (1981) parte de pressuposto de que a diferencial racial, ou seja, as variações do fenótico melanodérmico, toma como base o “substrato negro” elaborado por ele (DIOP, 1974, p. 262), e que esse se deu como um processo de adaptação climática do homem moderno, melanodérmico, ao sair do continente africano em direção às regiões frias. Segundo Diop: “a humanidade [...] se diferenciou em várias raças na Europa, onde o clima era suficientemente frio, no fim da glaciação Wurmiana” (DIOP, 1981; 1991, p. 16). Tal “diferenciação em raças” teria originado, por um lado, a “raça nórdica” que, através do homem de “*Cro-Magnon* – entendido como ancestral das populações brancas da Europa – deu origem as “raças” nórdicas e alpinas, por outro lado, o *homo Chancellade*, segundo Diop (1981), teria dado origem a “raça” amarela, portanto, aos asiáticos, chineses e japoneses.

Se a história tiver seguido esse percurso, o *homo Cro-Magnon* foi o ancestral da “raça branca” e das populações da Europa e, na pista para descortinar esse acontecimento, Diop (1981, p. 15-16) sugeriu que *o primeiro branco apareceu somente por volta de 20.000 mil anos, no clima excessivamente frio da Europa no fim da última glaciação*. Nota-se aqui, além do o limite cronológico adotado por Cheikh Anta Diop para suas inferências, a precocidade da ideia da influência do clima altamente frio na diversificação fenotípica, bem como, o juízo da Europa ser, naquele momento, o lugar climaticamente propício, à adaptação do homem, fenotipicamente, melanodérmico, apresentam-se como três dos pilares que estão amparados nos pressupostos elaborados sobre a diferenciação racial. Essa foi à hipótese, precoce, elaborada – e sustentada – pelo humanista senegalês, a partir de 1946 até a sua morte, em 1986 num momento em que a biologia molecular e a genética, estavam, respectivamente, em seu início. Dessa maneira,

cabe verificar o que a genética tem a dizer sobre a diversificação morfo-fenotípica.

### **O que dizem as pesquisas genéticas sobre a diferenciação racial na Europa**

Diante do aprimoramento das técnicas e métodos já existente, do desenvolvimento da genética e da biologia molecular, bem como o avanço da informática e da tecnologia da comunicação, cumpre-nos verificar o que dizem as pesquisas recentes sobre os pontos centrais da hipótese da diferencial elaboradas por Cheikh Anta Diop. Para tal verificação, adotaremos o entendimento da África como local de origem da espécie humana e, de que, as populações melanodérmicas que de lá saíram para povoar aos outros continentes, conservaram a pele escura como um marcador universal. Dessa maneira, o domínio do “globo inteiro” pelo fenótipo melanodérmico apresenta-se como ponto de partida para o entendimento do processo de diferenciação racial.

A diferenciação racial ocorreu a partir de um “substrato negro”, africano, melanodérmico, universal, originário no continente africano, que, a partir de fluxos migratórios saídos da África em direção às regiões mais frias, apresentou a despigmentação como uma resposta às exigências do clima (DIOP, 1981; 1991), daí, segundo Diop (1981; 1991), assim teriam surgidos às “raças” branca e amarela, respectivamente, alpinos nórdicos, chineses, japoneses e asiáticos de forma geral. Essa assertiva, elaborada e sustentada, precocemente, pelo autor desde 1954 – até sua morte em 1986 – hoje, se ampara nos dados recentes fornecidos pela genética e pela biologia molecular, tornam-se válidas. Assim, se torna imprescindível analisar os resultados das pesquisas recentes sobre o processo que culminou na diferenciação dos fenótipos na humanidade moderna.

A relação entre o clima e a definição dos traços fenotípicos da humanidade moderna, bem como a Europa como o provável local onde ocorreu o processo de “diferenciação racial” – tal como elaborou o



pensador africano – a partir de um homem do “*Cro-Magnon*” de pele escura, tem sido sugeridos por Luigi Luca Cavalli-Sforza<sup>6</sup>. Sobre a data possível para ocupação do continente europeu pelo homem de “*cro-magnon*”, de pele escura, vindo da África, Diop (1985) sugeria que: *Quarenta mil anos o homem deixou a África e povou a Europa. [...] o homem de cro-magnon, que entre 40 e 20 mil anos [...] partiu para Europa durante a época conhecida como última glaciação*. Portanto, um período de 20 mil anos, segundo Diop (1985), teria sido o tempo levado para cobri-se a distância da África para a Europa.

Sobre a data de colonização da Europa pelo homem moderno, Luigi Luca Cavalli-Sforza, amparado em estudo genético publicado como livro: “*Quem somos? História da diversidade humana*”, em 2002, resume a ocupação, explicando que diversas espécies de homínídeos coexistiram no velho mundo (Europa), acerca de 300 mil anos. Os Neandertais apareceram na Europa a 200 mil anos, de forma que homo *sapiens* – espécie a qual pertence todos os seres humanos – surgiu na África por volta 100 mil anos<sup>7</sup> – de acordo com os dados genéticos. Foi a nossa espécie que saiu da África para povoar, definitivamente, os outros continentes. Sforza (2002), amparado na genética e na biologia molecular,

6. Professor Emeritus em genética na Faculdade de Medicina da Universidade de Stanford, Califórnia. Há de quarenta anos se dedica ao estudo da evolução humana e desde 1991 se dedica ao chamado Projeto Genoma Humano do qual foi um dos promotores. É membro da Royal Society de Londres e da Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos. Consultar Sforza e Sforza (2002).

7. Na época que Cheikh Anta Diop conduzia suas pesquisas os meios científicos disponíveis sugeriam a origem do homo *sapiens* moderno em 100.000 anos. Posteriormente, o desenvolvimento tecnológico aplicado ao campo da genética e da biologia molecular, possibilitou análises mais detalhadas que, recuaram 100.000 mil anos – fixando em 200.000 mil – a origem do homo *sapiens* moderno. Agora, indícios fósseis de homo *sapiens* moderno identificado no oeste do Marrocos recuaram para 315.000 mil anos a origem da humanidade moderna e deslocando seu lugar de origem da África oriental para África ocidental. Consultar: GIBBONS, Ann. *World's oldest Homo sapiens fossils found in Morocco*. Disponível em: <https://www.sciencemag.org>.

fornece uma cronologia, aproximada, da data em que o homo *sapiens* moderno colonizou cada continente, logo:

O *Homo sapiens* passou então a difundir-se por todo o lado. Há sessenta mil ou setenta mil anos chegou a atingir todo o canto do planeta, demonstrando uma adaptação aos ambientes mais diversos [...]. Na China foi encontrado um resto de *sapiens* com mais de sessenta mil anos. Parece que o homem moderno alcançou a Nova Guiné e a Austrália nessa mesma época [...]. Na Austrália foram encontrados fósseis humanos (de homens modernos, segundo a maioria dos antropólogos) com idades estimadas em quarenta mil a 35 mil anos e também sítios ricos em material arqueológico de 55 mil a sessenta [...]. A chegada do homem moderno à Europa é tardia. Ele apareceu primeiro na Europa Oriental e um pouco mais tarde na França, há aproximadamente quarenta mil – 35 mil anos, e a sequência cronológica dos achados sugere que veio do leste. Os últimos vestígios de *neandertais* são dessa época. [...] chegou as Américas, no mais tardar há quinze mil anos (talvez um pouco antes). Presume-se que ele aproveitou um longo período em que o estreito de Bering tornou-se terra emergsa durante a última glaciação. (SFORZA; SFORZA, 2002, p. 92-93)

Hoje, é sabido que o homo *sapiens* moderno que adentrou os continentes tinha a pele escura como característica física universal<sup>8</sup>. É importante notar que, o período entre 40-35 mil anos, sugeridos por Sforza (2002) para a “*chegada do homem moderno à Europa*” (SFORZA; SFORZA, 2002, 92-93), está dentro dos 40 e 20 mil anos [...] que Cheikh Anta Diop (1985) sugeriu para o momento em que o homo *sapiens* melanodérmico africano deixou a África e *partiu para Europa* (DIOP, 1985). Dessa maneira, fica atestada, parcialmente, a validade dos 20 mil anos propostos por Diop (1985) para a colonização da Europa pelo homo *sapiens* melanodérmico.

8. Sobre as características fenotípicas do homo *sapiens* moderno e sobre a evolução da cor da pele, consultar: DENG, Lian; XU, Shushua. *Adaptation of human skin color in various populations*. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov>. Acesso em 26 de novembro de 2019.



Em outro estudo, no livro “*Genes, povos e línguas*”, publicado em 2003, o geneticista Luigi Luca Cavalli-Sforza, através do auxílio da genética e da biologia molecular às Ciências Humanas, demonstra como a genética, usando inferências arqueológicas pôde contribuir na construção de um quadro atualizado sobre a colonização dos continentes, assim:

Ao que parece, a Ásia foi o primeiro continente que os seres humanos modernos alcançaram. [...] podem ter chegado ao Oriente Médio até 100 mil anos atrás. Sabemos muito pouco sobre a chegada dos seres humanos modernos na Ásia Oriental – a única data arqueológica mensurável de restos humanos encontrados na China é de 67 mil anos, mas não pode ser confiável por causa do método utilizado. É provável que a Europa tenha sido povoada a partir do oeste da Ásia e do norte da África, pouco antes do desaparecimento dos neandertais acerca de 43 mil anos. (SFORZA, 2003, p. 89-90)

No estudo de Sforza (2003), há um aumento de três mil anos – 43 mil anos – na data da colonização da Europa, em relação a seu estudo de 2002 – entre 40-35 mil anos –, mesmo o fato histórico permanecendo na margem dos 40 mil anos sugeridos por Cheikh Anta Diop. O que merece ser destacado aqui, mais do que a “exatidão” cronológica, é o fato de Diop (1981; 1991) ter inferido uma data provável para colonização da Europa, num momento em que a genética e a biologia molecular estavam em sua fase inicial, ou seja, num contexto em que os meios científicos disponíveis eram limitados. Já a data colocada por Sforza (2003) hoje – 43 mil anos – por ser mais recente, está amalgamada pelo desenvolvimento de novas técnicas e métodos de pesquisa. Logo, se demonstra que, com meios científicos limitados da sua época, o pensador africano, precocemente, estabeleceu uma referência cronológica para a ocupação da Europa, que as técnicas mais avançadas da pesquisa genética, têm corroborado.

A referência cronológica é um pressuposto para compreendermos, não só a ocupação do continente Europeu, bem

como a complexidade do processo de adaptação climática enfrentado pelos primeiros habitantes modernos do continente que, durante o resfriamento do clima, provavelmente, responderam às suas exigências com a despigmentação, com a qual se originou a diferenciação racial. A exploração das relações entre clima, geografia e biologia na definição das características fenotípicas da humanidade tem se mostrado um campo promissor na área da pesquisa genética.

No seu entendimento sobre a diferenciação racial, Diop (1976) sustenta que as modificações climáticas experimentadas pela humanidade em seu processo evolutivo possuíram um lugar diferenciado na variação fenotípica da humanidade moderna. Sem apostar na certeza, Diop (1976) hipotetizou que, ao que as evidências apontavam, parecia que: “*o homem [...] branco, evoluiu do homem negro durante o período de adaptação a um clima diferente e que estamos a dizer com seriedade, baseados em dados totalmente científicos que essa é a conclusão a qual devemos chegar [...]*” (DIOP, 1985). O autor deixa implícito que, diante das limitações dos métodos e das técnicas científicas disponíveis, as evidências apresentadas caminhavam para corroborar, num futuro próximo, o entendimento da diferenciação racial como resultado de uma adaptação climática do homo *sapiens* melanodérmico às regiões frias. Logo, compreender as transformações climáticas as quais a Europa esteve exposta nos últimos 40-20 mil, é condição *sine qua non* para apreender as variações no fenótipo da humanidade.

O clima foi um dos fatores que fizeram do continente europeu, num período entre 40-30 mil anos – período que conflui com os 40-20 mil propostos por Cheikh Anta Diop – um espaço geoclimático favorável ao homo *sapiens* de pele escura que substituíra, gradativamente, o homo de *Neandertal* e colonizava o continente. Um estudo genético, publicado no Brasil em 2003, rastreou, através dos genes, a colonização do homo *sapiens* na Europa.





Sobre as condições geoclimáticas desse continente durante a chegada do *homo sapiens* de pele escura, os dados recentes revelaram que:

Outro fator que contribuiu para o florescimento cultural da Europa na idade da Pedra foi o clima. Entre 40 e 30 mil anos atrás, quando os humanos modernos estavam substituindo o homem de *Neandertal*, o continente era bem mais frio que atualmente. Os verões eram mais quentes, mas os invernos eram extremamente rigorosos, com muitas semanas de temperaturas abaixo de zero e violentas nevascas. Este clima deve ter representado um sério desafio para o homem moderno, cujos membros longos estavam mais adaptados ao calor dos trópicos, mas também ofereceu enormes oportunidades. Durante esse período, boa parte do norte da Europa tinha sido tomada por vastas campinas subárticas. Grandes manadas de renas, cavalos, búfalos, mamutes e rinocerontes vagavam nestas campinas. Os homens modernos organizavam suas vidas em função desses animais. (OLSON, 2003, p. 186)

É importante lembrar que o *homo sapiens* de pele escura que colonizou a Europa entre 40 e 20 mil anos, é quem Diop (1981) nomeou em sua hipótese de: *Cro-Magnon*. Para Diop, foi

[...] o homem de *cro-magnon*, que entre 40 e 20 mil anos [...] partiu para Europa durante a época conhecida como última glaciação. O clima na Europa era extremamente frio, mais frio do que é hoje. Durante esse período de 20 mil anos ele foi submetido a adaptação e se tornou o que conhecemos hoje como homem branco. (DIOP, 1985)

Para Diop (1974), foi o homem *Cro-Magnon* de pele escura que foi submetido – no contexto abordado – as mais duras variações do clima o qual a Europa esteve exposta. Foi o *Cro-Magnon*, ainda segundo o autor, que experimentou a adaptação climática no continente europeu, apresentando a despigmentação como uma resposta adaptativa ao ambiente e originou as populações brancas da Europa, o que levou o cientista africano a afirmar existir boas razões para supor que: “a raça alpina é originária da Europa, assim sendo des-

cendentes do *Cro-Magnon*” (DIOP, 1981, p. 18). “Os verões [...] quentes” (OLSON, 2003, p. 186), bem como as: “grandes manadas de renas, cavalos, búfalos, mamutes e rinocerontes” (OLSON, 2003, p. 186), provavelmente, em algum momento, tornou o clima na Europa semelhante ao clima da África, de forma que, os humanos modernos viram o espaço geográfico europeu como uma “extensão do clima” africano. Logo, a semelhança entre os climas – Europa e África – é um dado momento, tem validado a hipótese da migração da humanidade moderna da África para o velho continente.

A considerar a frequência da alternância dos períodos de frio e de calor em função dos períodos glaciais, é importante destacar que houve situações em que as variações climáticas foram intensas, dessa maneira:

Alguns milhares de anos após a morte do último homem de *Neandertal*, que aconteceu acerca de 29.000 mil anos, a Europa entrou em uma crise climática. A temperatura caiu ainda mais; as geleiras se estenderam para o sul até chegarem a menos de 200 km de onde ficam atualmente Stonehenge, Amsterdam e Moscou. A temperatura média chegou a ser 10 graus centígrados menor que hoje em dia. A quantidade de água retida nas calotas polares foi tão grande que o Canal da Mancha secou e a Inglaterra passou a fazer parte do continente. (OLSON, 2003, p. 186-187)

Cabe destacar que, no momento dessas drásticas modificações no clima europeu, é o *homo sapiens* moderno, melanodérmico – o *Cro-Magnon* de Cheikh Anta Diop – que está a enfrentar as duras imposições colocadas pelo clima. É importante atentar para a menção que se faz à Inglaterra como rota de passagem, pois, de acordo com as evidências genéticas, o “homem de Cheddar”, localizado na Inglaterra, recentemente, válida de forma incontestável, o pressuposto de que o fenótipo melanodérmico foi universal, até o período recente da história. Assim, variações climáticas ainda mais extremas influenciaram a definição fenotípica da humanidade.



Em função da extremidade alcançada pelo frio europeu, entre 20 e 16.000 mil anos atrás, no auge da glaciação Wurn<sup>9</sup>, o homem moderno de pele escura, fugindo da hostilidade do clima frio migrou para o norte da Europa, passando por outras regiões. Olson explica que:

No auge da época glacial, entre 20 e 16 mil anos atrás o homem moderno se retirou do norte da Europa, abandonando o que é hoje a Inglaterra, o norte da França, os Países Baixos, a Alemanha e a maior parte da Polônia. Pequenos grupos podem ter retornado a essas regiões no verão, mas não deixaram sinais de suas visitas. Os europeus se concentraram nas regiões de clima mais ameno, perto dos Pirineus e dos Balcãs, e ao norte do Mar Negro. (OLSON, 2003, p. 187)

Olson prossegue e destaca que depois do frio intenso:

[...] as geleiras começaram a recuar. Há 13.000 mil anos, os humanos modernos estavam de volta ao norte da Europa, incluindo a Inglaterra e o norte da Alemanha. A princípio, provavelmente, voltaram a caçar animais de grande porte. Com o aquecimento global, porém, as florestas aumentaram de tamanho, engolindo a campinas do norte. As florestas têm muito menos animais de caça que as planícies subárticas e, portanto, podem sustentar um número menor de caçadores-coletores. As grandes manadas começaram a desaparecer, em parte por causa da caça excessiva pelos humanos. As calotas polares derreteram e o nível do mar subiu, invadindo as planícies a partir do norte. Por volta de 8.500 anos atrás, a Inglaterra voltou a ser uma ilha separada do continente pelo Canal da Mancha. (OLSON, 2003, p. 187)

O período que se estende dos 40 mil aos 8.500 anos a.C, ou seja, o período em que o continente europeu experimentou as

9. Foi à última glaciação ocorrida no planeta entre 110 mil e 10 mil anos e com o fim dela, considera-se terminado o período do Pleistoceno, também denominado pelos cientistas como “glaciações antropológicas”, pelo fato de ter sido em seus momentos cronológicos usados pelo homo *sapiens* moderno em suas migrações transcontinentais. Além da glaciação Wurn, outras três se destacam em importância, são elas: glaciação “*Gunz*” há cerca de 700 mil anos; glaciação “*Mindel*” há cerca de 400 mil anos; glaciação “*Riss*” há cerca de 150 mil anos. Consultar: <https://pt.wikipedia.org>.

mais extremas mudanças climáticas, coaduna com os 20 mil anos sugeridos por Cheikh Anta Diop – entre 40 e 20 mil anos atrás – para o início da diferenciação racial. As modificações climáticas ocorridas na Europa em um curto espaço de tempo – se considerar que a humanidade possui 7.000.000 milhões de anos<sup>10</sup> – são a “chave” para entender o(s) porquê(s) desse espaço geológico ter reunido as condições para a diferenciação racial, tal como entendida por Diop, embora o autor não pudesse: *determinar a data exata ou a proporção numérica destes proto-brancos em relação a seus antecessores negros naquele período na Europa* (DIOP, 1976, *apud* MOORE, 2012, p. 252). Portanto, em função da limitação dos meios científicos disponíveis no contexto de sua pesquisa, faz-se necessário verificar o que dizem os dados recentes sobre a diferenciação racial na Europa.

O artigo “*How farming reshaped our genomes*” publicado na revista *Science* em abril de 2015 – fundamentado em dados genéticos – lança nova luz sobre o processo de despigmentação do homo *sapiens* moderno, melanodérmico, no clima europeu. O texto apresenta os resultados da 84ª reunião americana anual de antropólogos físicos, logo:

O trabalho, apresentado aqui na semana passada na 84ª reunião anual da Associação Americana de Antropólogos Físicos, oferece evidências dramáticas de evolução recente na Europa e mostra que a maioria dos europeus modernos não se parece muito com os de 8000 anos atrás. (BALTIER, 2015, p. 1; Tradução do autor)

O estudo demonstrou que a pele branca, marcador fenotípico das populações da Europa, bem como a altura e a capacidade dos adultos de digerir leite, adentraram o continente em um período

10. Data referente ao Sahelanthropus Chadensis, considerado o mais antigo ancestral humano já identificado. Apelidado de homem de Toumai que significa “esperança de vida” em uma das línguas do Chade, o Sahelanthropus foi localizado ao norte do deserto de Djurab, parte chadiana do deserto do Saara. Consultar Wong (2014, p. 26-29).





muito recente. Os geneticistas analisaram e sequenciaram os genomas das populações europeias do mesolítico, em vez de apenas alguns indivíduos. Ao relacionar as partes-chaves do DNA, em todos os genomas, de 83 indivíduos de sítios espalhados por toda a Europa, a pesquisa relatou que:

[...] os europeus hoje são uma mistura da mistura de pelo menos três populações antigas de caçadores-coletores e agricultores que se mudaram para a Europa em migrações separadas nos últimos 8000 anos. O estudo revelou que uma migração massiva de pastores de Yamnaya das estepes do norte do Mar Negro pode ter trazido as línguas indo-europeias para a Europa há cerca de 4500 anos atrás. (BALTIER, 2015, p. 1; Tradução do autor).

Ao que as evidências apontam, o fenótipo das populações da Europa antiga – em função do período de longa duração de misturas – parece não possuir qualquer relação com as populações da Europa atual. Depois de atestada essas evidências, um novo estudo tem analisado os genes que estiveram sob forte pressão da seleção natural, incluindo as características fenotípicas e os traços adaptativos que se espalharam pela Europa nos últimos 8.000 mil anos. Dessa maneira, os geneticistas identificaram cinco genes associados as alterações na dieta e na pigmentação da pele que sofreram forte seleção natural (GIBBONS, 2015).

Como percurso metodológico, os pesquisadores reafirmaram a hipótese do relatório anterior de que, os caçadores-coletores da Europa de 8.000 anos não digeriam açúcares e leite. A partir dessa constatação, sobre a digestão do leite e do açúcar o estudo revelou que:

[...] os primeiros agricultores também não conseguiram digerir o leite. Os agricultores que vieram do Oriente Próximo cerca de 7800 anos atrás e os pastores Yamnaya que vieram das estepes 4800 anos atrás careciam da versão do gene LCT que permite aos adultos digerir açúcares no leite. Não foi antes de 4300 anos atrás, a tolerância à lactose varreu a Europa. (GIBBONS, 2015, p. 1; Tradução do autor)

Nota-se que, entre a transição da caça-coleta para a agricultura na Europa foi um processo de longa duração e que a impossibilidade dos primeiros agricultores europeus não conseguirem digerir o leite e o açúcar devem ser entendidos como uma característica adaptativa desse processo. Já, o que diz respeito a pigmentação da pele dos europeus desse período, o estudo revelou que:

Quando se trata de cor da pele, a equipe encontrou um patchwork de evolução em diferentes lugares e três genes separados que produzem pele clara, contando uma história complexa de como a pele europeia evoluiu para ser muito mais clara/branca nos últimos 8000 anos. Os humanos modernos que vieram da África para instalarem originalmente na Europa cerca de 40.000 presume-se terem pele escura, o que é vantajoso em latitudes ensolaradas. E os novos dados confirmam que cerca de 8500 anos atrás, os primeiros caçadores-coletores na Espanha, no Luxemburgo e na Hungria também tinham uma pele mais escura: faltavam versões de dois genes – SLC24A5 e SLC45A2 – que levavam à despigmentação e, portanto, a pele branca dos europeus hoje. (GIBBONS, 2015, p. 2; Tradução do autor)

[...] o homem de La Braña (Espanha) tinha uma pele escura e olhos azuis, uma combinação raramente vista nos europeus modernos. Embora os europeus do sul de hoje tendam a ser um pouco mais escuros do que os seus homólogos do norte, eles ainda são relativamente claros em comparação com os africanos, uma adaptação frequentemente relacionada à necessidade de absorver mais luz solar e, portanto, produzir quantidades adequadas de vitamina D. Esse recurso do esqueleto de La Braña pode ter sido amplamente compartilhado, e não apenas um one-off também é sugerido por descobertas recentes, ainda inéditas, mas postadas on-line em forma preliminar, que outros caçadores-coletores europeus também tinham pele escura e olhos azuis. (BALTER, 2014, p. 2; Tradução do autor)

Aqui, é importante fazer alguns destaques. O primeiro deles é o de que a identificação dos fósseis em La Braña, válida a Espanha como um dos supostos locais – assim como o sul da França – da diferenciação racial, pois, para Diop (1991), a



diferenciação racial havia começado: “[...] *na Espanha ao termino da última glaciação Wurn, entre 40 e 20 mil anos atrás*” (DIOP, 1981, p. 13). O segundo destaque, diz respeito ao período cronológico sugerido por Diop (1981; 1991) para o início do processo de diferenciação racial, ou seja, a despigmentação. Diop (1981; 1991) parte do pressuposto de que: entre 40 e 20 mil anos atrás, a diferenciação racial, provavelmente, aconteceu ou no sul da França, na Espanha e, possivelmente, em outras regiões, portanto, um período de 20 mil anos teria sido necessário para a “conclusão” do processo evolutivo. Nota-se que, a datação sugerida para o homem de La Braña – entre 7.000 e 8.000 anos – está dentro do período de 20 mil anos sugeridos por Cheikh Anta Diop. Logo, diante dos dados fornecidos pela genética atual, não se sustenta a tese de que a pesquisa conduzida por Diop teria sido norteadada por ideologias e não por ciência (DIOP, 2003).

A influência da agricultura no processo de diferenciação racial, ou seja, na adaptação climática que resultou na despigmentação do *homo sapiens* de pele escura, deve ser destacada. Antes da transição da caça-coleta nômade para a agricultura consolidar-se na Europa, há cerca de 8.500 a.C, aproximadamente, os ocupantes caçadores-coletores que viviam no continente, os quais as análises sugerem ser de pele escura, não conseguiam digerir açúcares, o amido (nutriente chave em plantas domesticadas) e o leite (lactose, açúcar-chave em produtos produzidos a base de leite). Além disso, esses caçadores-coletores, originais, possuíam defesas imunológicas contra diversas doenças (BALTIER, 2014).

A comparação dos genes envolvidos na cor da pele e dos olhos, da dieta e do sistema imunológico com os agricultores iniciais e os europeus modernos, fornece um novo panorama sobre como a agricultura remodelou a genômica dos seres humanos (BALTIER, 2014). A partir da expansão da agricultura, por volta de 10.000 anos atrás, agricultores, provavel-

mente, de pele escura oriundo do Oriente Médio, entraram na Europa através dos países que conhecemos hoje como Grécia e Bulgária. A pesquisa conduzida por Carles Lalueza-Fox, sugere que os caçadores-coletores – que não digeriam os açúcares, o amido e o leite –, absorviam, a maior parte da vitamina D, ingerindo carne. Dessa maneira, a seleção natural não teria sido um fator definidor da evolução da pele claro-branca/branca até a chegada da agricultura.

A carne, o peixe e os ovos, ou seja, as principais fontes de proteínas são mais comuns à dieta dos humanos atuais do que eram para os primeiros agricultores. Esses agricultores, por sua vez, seriam mais dependentes da luz para sintetização da vitamina D. Essa ideia leva a pensar a possibilidade da latitude como um fator “determinante”, para a compreensão da despigmentação. Ao adentrarem o continente europeu, esses agricultores trouxeram consigo uma genética que, se acredita, ter se remodelado com a expansão da agricultura, assim:

[...] o homem de La Braña tinha algumas habilidades que, acreditava-se, terem se originado apenas com as sociedades agrícolas: seu sistema imunológico aparentemente era capaz de combater uma série de doenças, como tuberculose, pneumonia e malária (que era endêmica no sul da Europa até os tempos modernos), que foram passados para seres humanos de animais, uma vez que o gado, ovelha e outras espécies eram domesticados. Dos 40 genes envolvidos na imunidade que a equipe analisou 24 (60%) eram semelhantes aos dos europeus modernos. “Parece que a primeira linha de defesa contra agentes patogênicos já estava lá”, diz Wolfgang Haak, um antigo pesquisador de DNA da Universidade de Adelaide na Austrália. Uma possível explicação, acrescenta Lalueza-Fox, é que “as epidemias que afetam os primeiros agricultores no Oriente Médio se espalharam para a Europa continental. (BALTIER, 2014, p. 3; Tradução do autor)

O genoma do homem de La Braña fornece pistas de como a agricultura influenciou a remodelação genética da hu-



manidade moderna, melanodérmica, e da coesão genética e cultural dos caçadores-coletores antes da chegada dos agricultores. A pesquisa traz evidências no sentido de demonstrar como, durante a transição da caça-coleta-nômade para a agricultura, tanto os genes quanto o fenótipo mudaram acentuadamente. Assim, a evolução da cor da pele, dos olhos e do sistema imunológico nos humanos modernos pode estar mais associado à dieta alimentar do que com o clima (BALTIER, 2014, p. 3).

Por fim, o terceiro e mais interessante destaque, diz respeito à pele escura do homem de La Braña e a universalidade/homogeneidade do fenótipo melanodérmico. Em uma das suas poucas – e raras – entrevistas concedidas, Diop, supôs que:

Considerando que a “raça” humana se desenvolveu na África e que essa primeira raça humana era de pele negra, os negros tinham que estar na origem das primeiras civilizações do mundo. A sua dominação estendeu-se pelo globo inteiro. (DIOP, 1976, *apud* MOORE, 2012, p. 250)

Diop (1976) partia do pressuposto de que a humanidade surgida na África possuía o fenótipo melanodérmico e que essa característica física manteve-se, homogeneamente universal, até um período recente, ou seja, a despigmentação – o aparecimento das “raças” branca e amarela, segundo Diop – foi um episódio mais “contemporâneo” do que a ciência estava prevendo. A descoberta do homem de La Braña (Espanha) reforça a hipótese, sugerida por Diop (1976), de que a “dominação dos negros” – no sentido da homogeneidade do fenótipo melanodérmico – “*estendeu-se pelo globo inteiro*” (DIOP *apud* MOORE, 2012, p. 250). Se o homem de La Braña datado entre 8000 e 7.500 a.C apresenta, ainda nesse período, pele escura, olhos azuis e cabelos lisos – considerando que a diferenciação ainda não tinha acontecido, como demonstram as evidências ocorrera – valida-se, a prerrogativa do pensador africano de que até um período recente a pele escura foi um marcador universal da humanidade. Dessa maneira, a

pele escura, olhos azuis e cabelos lisos, do homem de La Braña não podem ser compreendidos dissociados de outras evidências.

Outra evidência conflui com o pressuposto de que a pele escura foi um marcador universal – e homogêneo – da humanidade até um período recente e que, o fenótipo melanodérmico, segundo Diop (1976): “*estendeu-se pelo globo inteiro*” (DIOP, 1976, *apud*, MOORE, 2012, p. 250). Em 1903, pesquisadores desenterraram na caverna de Gough Somerset, Inglaterra, um fóssil, completo, da espécie *homo sapiens*, o qual nomearam de “Cheddar man”, ou seja, o “homem de Cheddar”. O avanço tecnológico, associado ao desenvolvimento de novas técnicas e métodos de pesquisa, bem como a ampliação de diversos eixos temáticos no campo da genética, permitiu que pesquisadores do Museu Nacional de Londres recuperassem e extraíssem DNA dos ossos achados. Para conseguir extrair DNA, os cientistas fizeram um furo de 2 mm de diâmetro no crânio, para obter pó do osso. A extração do pó permitiu a reconstrução do crânio do “homem de Cheddar”, além de sistematizar seu genoma fornecendo evidências sobre sua aparência, seu modo de vida; assim os estudos concluíram parcialmente que

Os primeiros britânicos modernos, que viveram cerca de 10.000 anos atrás, tinham uma pele “escura”, revelou uma inovadora análise de DNA do esqueleto completo mais antigo da Grã-Bretanha. O fóssil, conhecido como **Homem Cheddar**, foi desenterrado há mais de um século na caverna de Gough’s, em Somerset [...]. As pessoas de ascendência britânicas brancas vivas hoje são descendentes dessa população. (DEVLIN, 2018, p. 1)

#### E ainda

Inicialmente, assumiu-se que o homem Cheddar tinha pele clara/branca e cabelos finos, mas seu DNA constrói uma imagem diferente, sugerindo que ele tinha olhos azuis, uma pele muito escura e cabelos escuros e encaracolados. A descoberta mostra que os genes para a pele mais clara se tornaram difundidos nas populações européias muito mais tarde





do que o pensado originalmente – e que a cor da pele nem sempre era um “marcador” para a origem geográfica, como é visto hoje em dia. (DEVLIN, 2018, p. 1; Tradução do autor)

Mesmo em contextos geográficos distintos – Inglaterra e Espanha, entre 10.000 e 7.500 a.C –, segundo dados fornecidos pela genética e pela biologia molecular, os indícios achados demonstram a existência de tipo físico “padrão”: pele escura, olhos azuis, cabelos lisos ou encaracolados. Essa confluência de evidências sugere que, entre 10.000 e 7.500 a.C, ao menos na Europa, o fenótipo melanodérmico parece ter sido homogêneo. Além de La Braña (Espanha) e Cheddar (Grã-Bretanha), outras evidências atestam a prevalência do mesmo padrão fenotípico na Hungria (Europa Oriental) e em Luxemburgo de forma a concluir, parcialmente, que:

Os humanos modernos que vieram da África para instalarem originalmente na Europa cerca de 40.000 presume-se terem pele escura, o que é vantajoso em latitudes ensolaradas. E os novos dados confirmam que cerca de 8500 anos atrás, os primeiros caçador-coletores na Espanha, no Luxemburgo e na Hungria também tinham uma pele mais escura: faltavam versões de dois genes – SLC24A5 e SLC45A2 – que levavam à despigmentação e, portanto, a pele branca dos europeus hoje. (BALTIER, 2014, p. 3; Tradução do autor)

É importante destacar que os resultados fornecidos pelos dados genéticos, sugerem afinidades muito próximas com o genoma de uma criança de 24.000 mil anos localizados no sítio siberiano de Malta, cujo sequenciamento genético demonstrou que: “*poderia ter havido “fluxo substancial de genes entre o leste e o oeste”, tornando a populações mais “homogêneas” do que se suspeitava [...]*” (BALTIER, 2014, p. 3). A hipótese de uma “homogeneização universal” do fenótipo melanodérmico, ganha força a partir de novas evidências. A análise do DNA de fósseis de *homo sapiens* encontrados na Escandinávia pela geneticista Pontus Skoglund da Uppsala University na Suécia afirmam que: “o antigo

*DNA dos caçadores-coletores escandinavos [...], mostram afinidades genéticas não só com o indivíduo sul da La Braña, mas também com o filho Malta do leste*” (BALTIER, 2014, p. 3). Portanto, as evidências fósseis localizadas na Espanha, Inglaterra, Luxemburgo, Hungria, Malta, Escandinávia atestam a precocidade de Cheikh Anta Diop ao supor que o “padrão” fenotípico melanodérmico: “*estendeu-se pelo globo inteiro*” (DIOP, 1976, *apud* MOORE, 2012, p. 250).

### Conclusão

Quatro objetivos nortearam a redação desse artigo. O primeiro deles é o de contribuir para ampliar o conhecimento acerca da hipótese sobre a diferenciação racial elaborada por Cheikh Anta Diop no Brasil – país com o maior número de afrodescendentes fora do continente africano. O segundo objetivo é romper o “silêncio” que paira sobre a obra de Cheikh Anta, demonstrando a validade de alguns de seus pressupostos, repudiando a ideia de que suas pesquisas foram norteadas pela ideologia e não em dados científicos. O terceiro objetivo é demonstrar a precocidade de seus pressupostos acerca da diferenciação racial e, o quarto objetivo, é o de refletir sobre o porquê uma obra e um pensamento de tamanha envergadura e dimensão não é conhecido no Brasil, bem como no continente africano. Hoje, o avanço tecnológico tem contribuído para o desenvolvimento de novas técnicas e métodos de pesquisa – evidenciados pela consolidação da genética e da biologia molecular. Esse avanço concentrou toda atividade da pesquisa genética de ponta no continente europeu. O deslocamento, assim como a centralização dessas investigações no velho continente, resulta na construção de referências epistemológicas eurocentrais. Por esse motivo, acompanhamos a cada dia o desenvolvimento da pesquisa científica sobre a evolução humana no continente africano, porém, sem nenhuma menção a contribuição e a precocidade das hipóteses elaboradas pelo humanista africano Cheikh Anta



Diop. As evidências trazidas à luz a cada dia por essas pesquisas tem fortalecido a hipótese elaborada por Diop (1981) de que “as populações brancas da Europa são resultado de um processo de adaptação climática de onde resultou a despigmentação”, porém, no ambiente acadêmico-científico ocidental, nada é mencionado sobre a contribuição do pensador africano a esse campo de investigação desde a elaboração da sua tese de doutorado em 1954.

### Referência

BALTIER, Michael. *How farming reshaped our genomes*. Disponível em: <https://www.sciencemag.org>. Acesso em 28 de novembro de 2019.

BAMSHAD, Michael J; OLSON, Steve. Ambiguidades que limitam a definição de raça. *Scientific American*. São Paulo, nº 16, p. 68-75. Edição especial.

DENG, Lian; XU, Shushua. *Adaptation of human skin color in various populations*. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov>. Acesso em 26 de novembro de 2019.

DEVLIN, Hannah. First modern britons had ‘dark to black’ skin, Cheddar Man DNA analysis reveals. The Gardian online, 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/science>. Acesso em 7 de fevereiro de 2018.

DIOP, Cheikh Anta. A origem da humanidade e da civilização. Estados Unidos. *South Carolina Educacional Television*, 1985. Fita VHS (60 min) son, color. Disponível em: <https://www.youtube.com>.

DIOP, Cheikh Anta. *Civilization or barbarism: an authentic anthropologic*. Nova York, Westport, Laurence Hill & Company, 1981; 1991.

DIOP, Cheikh Anta. *Nations nègres et culture*. Paris, Présence africaine, 1954, 1964, 1979.

DIOP, Cheikh Anta. *The African origin of civilization: myth or reality*. New York: Laurence Hill & Company, 1974.

DIOP, Cheikh M'Backé. *Cheikh Anta Diop: L'homme et l'oeuvre*. Paris: Présence africaine, 2003.

GIBBONS, Ann. *World's oldest Homo sapiens fossils found in Morocco*. Disponível em: <https://www.sciencemag.org>. Acesso em 15 de fevereiro de 2019.

GIBBONS, Ann. *How Europeans evolved white skin*. Disponível em: <https://www.sciencemag.org>. Acesso em 28 de novembro de 2019.

M'BOKOLO, Elikia. *África negra: história e civilizações*. Salvador\ São Paulo: Edufba\ Casa das Áfricas, 2009.

MOORE, Carlos. *Racismo e sociedade: novas bases epistemológicas para o entendimento do racismo*. Belo Horizonte: Nandyala edições, 2012.

OBENGA, Théophile. *O sentido da luta contra o africanismo eurocêntrico*. Portugal: Edições Pedagogo, 2013.

OLSON, Steve. *A história da humanidade*. Desvendando 150 mil anos de nossa trajetória através dos genes. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SFORZA, Francesco-Cavalli; SFORZA, Luca-Cavalli. *Quem somos? A história da diversidade humana*. São Paulo: UNESP, 2002.

WONG, Kate. A saga humana: confrontados com inúmeras descobertas, cientistas tiveram que revisar praticamente todos os capítulos da história humana. São Paulo, *Scientific American*, nº 149, p. 26-29, 2014.

-----//-----

**Abstract:** This article aims to present Cheikh Anta Diop's hypothesis about racial differentiation in Europe and to verify what recent genetic research data say about this prerogative.

**Keywords:** Cheikh Anta Diop; Africa; genetics; history of Africa; molecular biology.

*Recebido em: 10 de agosto de 2021.*

*Aceito em: 02 de setembro de 2021.*